
ARTE E PERCEPÇÃO DA PAISAGEM SEMIÁRIDA: uma proposição metodológica geoartística voltada ao Ensino Fundamental II

José Marcelo Soares de **OLIVEIRA**
Mestre em geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
E-mail: marcelosoares068@gmail.com

José Falcão **SOBRINHO**
Prof. Dr. do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA
E-mail: falcao.sobral@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta proposições metodológicas geoartísticas voltadas ao Ensino de Geografia, trabalho realizado com alunos do Ensino Fundamental II, nos municípios de Guaraciaba do Norte, Massapê e Meruoca, localizados no estado do Ceará, Brasil. O objetivo da pesquisa consistiu em propor, através de desenhos, uma forma lúdica no tratamento do conceito de paisagem na Geografia. Utilizamos a fenomenologia como recurso metodológico na apreensão das percepções dos alunos, de três ambientes geomorfológicos: Maciço Residual, Planalto Sedimentar e Superfície Sertaneja. Constatamos, através das descrições textuais e artísticas, uma gama diversificada de percepções da paisagem e natureza, envolvendo paisagem natural e cultural, bem como observações sobre paisagem idealizada. Além do mais, se pode verificar que, por meio dos desenhos e da escrita, os alunos também demonstraram questões afetivas relacionadas à vivência tanto em suas paisagens quanto em outras paisagens. Desta forma, torna-se importante entender as articulações entre os documentos oficiais, LDB, PCN e BNCC e o conhecimento prévio dos alunos. Buscamos considerar as dificuldades do trabalho docente da educação básica, daí surgiu a compreensão sobre a necessidade de desenvolver uma estratégia lúdica no ensino de geografia, como forma auxiliar.

Palavras-chave: Percepção. Arte. Ensino.

ART AND PERCEPTION OF THE SEMIARID LANDSCAPE: a geoartistic methodological proposition focused on Elementary Education II

ABSTRACT: This work presents geoartistic methodological proposals focused on Geography Teaching, a work carried out with Elementary School II students, in the municipalities of Guaraciaba do Norte, Massapê and Meruoca, located in the state of Ceará, Brazil. The objective of the research was to propose, through drawings, a playful way in the treatment of the concept of landscape in Geography. We use phenomenology as a methodological resource in the apprehension of students' perceptions, of three geomorphological environments, Residual Massif, Sedimentary Plateau and Country Surface. We found, through textual and artistic descriptions, a diverse range of perceptions of landscape and nature, involving natural and cultural landscapes, as well as observations about

idealized landscapes. In addition, it can be seen that, through drawings and writing, students also demonstrated affective issues related to living both in their landscapes and in other landscapes. Thus, it is important to understand the articulations between the official documents, LDB, PCN and BNCC and the students' prior knowledge. We seek to consider the difficulties of basic education teaching work, hence the understanding of the need to develop a playful strategy in teaching geography, as an auxiliary way.

Keywords: Perception. Art. Teaching.

ARTE Y PERCEPCIÓN DEL PAISAJE SEMIÁRIDO:

Una propuesta metodológica geoartística centrada en la educación primaria II

RESUMEN: Este trabajo presenta propuestas metodológicas geoartísticas dirigidas a la Enseñanza de la Geografía, trabajo realizado con estudiantes de Primaria, en los municipios de Guaraciaba do Norte, Massapê y Meruoca, ubicados en el estado de Ceará, Brasil. El objetivo de la investigación fue proponer, a través de dibujos, una forma lúdica en el tratamiento del concepto de paisaje en Geografía. Utilizamos la fenomenología como un recurso metodológico en la comprensión de las percepciones de los estudiantes, de tres ambientes geomorfológicos, el macizo residual, la meseta sedimentaria y la superficie del país. Encontramos, a través de descripciones textuales y artísticas, una amplia gama de percepciones del paisaje y la naturaleza, involucrando paisajes naturales y culturales, así como observaciones sobre paisajes idealizados. Además, se puede ver que, a través de dibujos y escritos, los estudiantes también demostraron problemas afectivos relacionados con la vida tanto en sus paisajes como en otros paisajes. Por lo tanto, es importante comprender las articulaciones entre los documentos oficiales, LDB, PCN y BNCC y el conocimiento previo de los estudiantes. Buscamos considerar las dificultades del trabajo de enseñanza de educación básica, de ahí la comprensión de la necesidad de desarrollar una estrategia lúdica en la enseñanza de la geografía, como una forma auxiliar.

Palabras clave: Percepción. Arte. Enseñanza

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta proposições metodológicas geoartísticas voltadas ao Ensino de Geografia, trabalho realizado com alunos do Ensino Fundamental II, nos municípios de Guaraciaba do Norte, Massapê e Meruoca, localizados no estado do Ceará, Brasil. O objetivo da pesquisa consistiu em propor, através de desenhos, uma forma lúdica no tratamento do conceito de paisagem na Geografia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, iniciamos com a problematização e contextualização do objeto de estudo. Assim, entendendo a necessidade de propor uma metodologia lúdica no ensino de paisagem voltada ao Ensino Fundamental II. Para isto, escolhemos instituições de ensino inseridas em contextos paisagísticos diferenciados: Maciço Residual, Planalto Sedimentar e Superfície Sertaneja. A seleção pelo Ensino Fundamental II

(8º Ano) ocorreu em razão do conceito de paisagem ser trabalhado nos anos anteriores (6º e 7º Ano) sendo assim, trabalhamos com um conteúdo já visto.

Em seguida, definimos como objetivo central, a proposição metodológica geoartística voltada ao ensino de paisagem, no nível fundamental II, haja vista que buscamos, através da pesquisa, recomendar uma melhor forma de abordagem do conceito de paisagem, no intuito de auxiliar o trabalho docente.

Determinamos como reflexão teórica e definição conceitual, o diálogo entre o conceito de paisagem na ciência geográfica, fenomenologia e educação contextualizada. Para aquisição das percepções, empregamos os princípios da fenomenologia, pois em se tratando do acolhimento de percepções se faz necessário a apreensão do conhecimento prévio, levando também em consideração as descrições afetivas relacionadas à vivência na paisagem.

Estabelecemos como elementos metodológicos, a utilização de questionários para saber o que os alunos sabiam sobre paisagem e natureza, posteriormente, apresentamos a oficina. Relacionando o desenvolvimento de práticas lúdicas ao ensino de Geografia, Costa Falcão (2014) afirma a importância de se adotar metodologias inovadoras não apenas no ensino de Geografia, mas também em outras disciplinas. Diante disso, analisou-se a percepção da paisagem de alunos do Ensino Fundamental II em Meruoca, Guaraciaba do Norte e Massapê, municípios do estado do Ceará, por intermédio de descrições e desenhos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Paisagem, Arte e Geografia

Sobre este assunto, Besse (2006) esclarece que a representação da paisagem para o pintor e para o cartógrafo, apesar da atuação em campos diferentes, encontram similitudes no que pese à exigência de “um olhar apurado” correspondente ao trabalho de análise da paisagem. Verificado durante os séculos XVI, na Alemanha, e XVII, na Itália, mediante estudo das obras de Da Vinci, Pourbus, Cock, dentre outros.

Por esse ângulo, Besse (2006) oferece suporte teórico, no momento em que posiciona o dom artístico como também pertencente a qualquer um que seja sensível ao natural e compreenda a interação na paisagem. Em sua explicação mais detalhada, promove também a reflexão de que o apreço pela paisagem é interdisciplinar, utilizando deste modo, a concepção de que se pode, mediante a análise das dinâmicas naturais, mais do que ver, também se pode ler as paisagens.

Posto desse modo, o escultor, o cartógrafo e o pintor, por exemplo, devem estar

atentos ao jeito que consideram a paisagem (BESSE, 2006, p. 52) “pela diversidade e complexidade de suas configurações”, precisam, antes de mais nada, da observação profunda daquilo que compõe a paisagem em seu âmago . Portanto, a paisagem pode se revelar não tão somente através do aspecto visível, mas também por meio das percepções corporais, de maneira geral, mediante o cheiro e o toque, por exemplo.

A arte como maneira de representação dos anseios sociais aparece, sobretudo, por meio das pinturas rupestres, já no período pré-histórico. E para as civilizações mais antigas, a exemplo da egípcia, grega, romana, bizantina, dentre outras, a arte trata-se de uma forma elucidativa ao entendimento histórico de suas organizações (COSGROVE, 2003 citado por ALMEIDA, 2016).

Em termos artísticos atuais, a paisagem passa a delimitar a realidade a partir da leitura sensorial. Destarte, Besse (2014) pontua que existe toda uma preparação do artista antes da elaboração de qualquer obra. Há previamente o cumprimento de formalidades reflexivas em torno do objeto artístico, através da imaginação e associações com outras paisagens.

Assim sendo, Besse (2014) estabelece a paisagem “imaginada” artisticamente empregada como uma maneira de interpretar o mundo, pondo uma dimensão imaterial no fato concreto. Ainda conforme Besse (2014), a paisagem se constituirá sempre como uma visão de mundo, bem como a expressão humana, individual ou coletiva, e “impressa” nos mais diversos tipos de materiais, seja no solo ou em tela de papel.

Abordando sobre a maneira como o semiárido é retratado pelas artes, podemos refletir com base na representação de Cândido Portinari, sob a égide de Os retirantes, bem como Terra seca desidratada, obra de Antônio Cláudio Massa (Figuras 1A e 1B), a dramatização de um Nordeste esqualido, havendo a necessidade do homem sertanejo migrar para a região Sudeste.

Tais imagens foram obtidas com uma simples adição das palavras-chave: Imagens do Nordeste e Obras de arte sobre o Nordeste, no site de pesquisas *Google LLC*, logo, justificamos que em nenhum momento buscou-se o direcionamento de determinar a generalização da simbologia da região Nordeste como algo preexistente, visando tão somente atender aos objetivos da pesquisa desenvolvida.

Figura 1 A - Os retirantes



Fonte: historiadigital.org

Figura 1 B - Terra seca desidratada



Fonte: acxmassa.blogspot.com

Além disso, sabemos que, pelo contexto histórico (1944) no qual *Os retirantes* fora criado por Cândido Portinari, há, de algum modo, uma representação da realidade, face a existência naquele período do início do processo de migração para o Sudeste de um grande contingente de nordestinos em busca de melhores condições de sobrevivência. Com isso, o artista, apesar da maneira caricata contida nos traços de suas obras, procurou demonstrar a profundidade sentimental em relação à condição dos seres humanos diante da situação dramática em que viviam.

A obra em si está vinculada à corrente artística do expressionismo, realçando, desse modo, o caráter desta corrente evidenciar a subjetividade do artista ao retratar os fenômenos, em detrimento do objetivo, o visível (BEHR, 2000). Porém, sabe-se que, independentemente da importância da obra *Os retirantes*, é importante salientar as inúmeras faces do semiárido, não apenas a de um cenário repleto de maltrapilhos. Não se pode deixar de lado as leituras que teóricos como Tânia Bacelar de Araújo fazem sobre este processo de desenvolvimento recente no Nordeste e enfatizar as mudanças que aconteceram pelos programas de repasse de renda. Ainda que exista um quadro preocupante de desigualdades em nossa região, não se pode reproduzir somente caricaturas e estereótipos.

A circunstância mais intrigante trata-se da segunda obra de arte (Figura 1B), que também foi obtida com base na pesquisa obras de arte do nordeste. Logo pensou-se que o

artista Antônio Massa, mediante a sua obra *Terra seca desidratada* (2011), demonstra o reflexo básico do que é possível encontrar na literatura modernista, por exemplo. De algum modo, cores quentes fazem parte do cotidiano do homem do semiárido, contudo, é válido ressaltar que existe também, em determinados meses, a proeminência do verde. Diante disso, ainda há o pensamento de que o semiárido parou em 1944.

Apesar de não constar como foco principal desta dissertação, é importante advertir, mesmo que brevemente, sobre este nordeste pobre e raquítico como sendo resultado (além da questão climática) da forma com que o capitalismo monopolista sob a égide da burguesia-internacional-associada desmobilizou as classes sociais, principalmente no Nordeste, em troca de uma “Integração Nacional”, bem como promover um Desenvolvimento Regional, acarretando, em termos práticos, em mais desigualdades sociais (OLIVEIRA, 1987). Malvezzi (2007) entende o semiárido dentro de uma pluralidade vegetacional, pedológica, geomorfológica, religiosa, política e cultural, mediante sua visão holística.

Soma-se a isso também a organização da ciência geográfica em trazer à tona os problemas que envolvem a percepção, atreladas ao entendimento das cartas mentais, sob a ideia de desvendamento das variadas formas de representações humanas. Além do mais, como exemplificam Soares, Cardoso e Ribeiro (2013), *Guernica*, de Pablo Picasso, fora concebida mediante reflexão do autor, proporcionada pelas consequências nefastas da Guerra Civil Espanhola. Desse modo, retrata a destruição da cidade de Guernica, assim sendo, mesmo em se tratando de uma pintura e extrapolando de maneira demasiada a realidade, refere-se a um fato histórico.

Todavia, como enfatiza Ferraz (2016, p. 178), a linguagem artística não deve ser tão somente atrelada ao entendimento de incentivo aos novos pensamentos, mas, sobretudo, como função propagadora de conteúdos e opiniões “estabelecidas como verdades a priori.” Além disso, a ideia da arte subjugada como fator didático pedagógico principal deve ser acompanhada também da reestruturação de novos pensamentos e sensações, interligado ao raciocínio de poder contestar as verdades científicas estabelecidas (FERRAZ, 2016).

No entanto, a relação entre Arte e Geografia pode encontrar um empecilho. De acordo com Ferraz (2016) esta relação pode:

[...] provocar nela dobras em que o sentido meramente extensivo e uniforme com que entende o espaço, e os fenômenos que ocorrem sobre o mesmo, possa ser intensivado e percebido em suas outras possibilidades, mais próximas da dinâmica múltipla e diferenciadora da vida (FERRAZ, 2016, p. 179).

Diante disso, torna-se imprescindível que os professores-pesquisadores abandonem

suas verdades estabelecidas para correrem o risco criativo, transformando a arte em valor potencial para a abertura de outras perspectivas, determinando a base criativa artística a favor da ousadia que ela propicia (GALLO, 2002 citado por FERRAZ, 2016).

PROPOSTA METODOLÓGICA GEOARTÍSTICA

Para o desenvolvimento das atividades de pinturas das paisagens semiáridas, utilizou-se, no primeiro momento, a escolha de escolas de Ensino Fundamental II, 8º ano, nos municípios de Meruoca, Guaraciaba do Norte e Massapê, oficialmente fazendo parte da zona semiárida, porém, sob a influência de dinâmicas paisagísticas diferenciadas. Na escola Rosinha Bastos Sampaio (Meruoca), analisou-se a percepção de 29 alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental II. A instituição, como um todo, atende a 462 alunos distribuídos entre Ensino Fundamental II e EJA.

A segunda instituição, EEIF Bananeiras (Guaraciaba do Norte), assiste a 146 crianças e adolescentes, no Ensino Fundamental I e II. Aplicaram-se questionários e apresentou-se a oficina para um público de 27 alunos. Em Massapê, na escola EEF Doutor Luís Carlos Magalhães Aguiar, foram 29 os alunos participantes da oficina.

Por consequência, antes da oficina, aplicou-se um questionário. A seguir, será apresentada a sequência das atividades pré, durante e pós oficina.

Atividade 1 - Descrição da paisagem

1. Paisagem? e 2. O que é natureza?¹ O questionário foi aplicado momentos antes da oficina, no intuito de fornecer orientação sobre a percepção dos alunos sobre estas duas temáticas, para que fosse analisado o conhecimento prévio e, depois, pensar na elaboração de uma abordagem sobre paisagem que leve em consideração tais conhecimentos anteriores.

Com base na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999, p. 126), buscou-se, com este procedimento metodológico, “ uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico”.

Atividade 2 - Oficina

Depois disso, iniciou-se a oficina: A paisagem nossa de cada dia, em abril de 2019, da mesma maneira, nos três municípios anteriormente citados. Os alunos puderam manifestar seus próprios conceitos sobre paisagem e, posteriormente, desenhar suas paisagens.

Atividade 3 - Pintando a paisagem nossa de cada dia

Em seguida, foi introduzida a parte referente à prática de pinturas com os solos e complementado com pigmentos artificiais, a exemplo da cor azul, que pode ser utilizada para representar algum recurso hídrico. Empregou-se como materiais: papel sulfite, pincéis, caneta pincel, lápis de cor, pigmentos de solos (inclusive foi utilizado o argissolo vermelho, encontrado perto da escola), oportunizando pequena explicação durante as pinturas sobre a importância deste elemento natural para a dinâmica da paisagem local.

O interesse e a importância da atividade envolvendo desenhos ocorreu em razão de se promover um resgate da contribuição interdisciplinar com a qual a Geografia conversou de maneira mais intensa no início de sua sistematização (SILVEIRA; VITTE, 2009). Porém, tais estudos, em consequência da fragmentação científica, foram menos divulgados.

Atividade 4 - Interpretação dos desenhos e textos

Definiu-se como ferramenta de obtenção da percepção da paisagem dos alunos o exame cuidadoso dos desenhos atrelado ao local de moradia dos estudantes. Optou-se por não avaliar diretamente o aprendizado do aluno sobre o conceito certo de paisagem, justamente por serem propostos encaminhamentos que visam à construção de uma noção de paisagem contextualizada à realidade local. Quanto ao tempo de duração da oficina, esta realizada em duas aulas, justificou-se pelo fato de a Geografia no Ensino básico estar disposta desta forma, semanalmente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A paisagem nossa de cada dia

No primeiro momento da oficina, solicitamos aos alunos que respondessem às questões O que é paisagem? e O que é natureza?, percebeu-se o pouco interesse em escrever,

pois como a maioria deles justificou, estavam com preguiça [sic] de escrever, mesmo não sendo estipulada quantidade de linhas. O professor, algumas vezes, teve de pedir para que os alunos fizessem silêncio durante a exposição do conteúdo. No entanto, podem-se destacar algumas percepções bem distintas, lembrando que tais descrições foram feitas antes da exposição de conteúdo, conforme mostram as descrições abaixo.

Descrição aluno A (Escola Rosinha Bastos, Meruoca)

O que é paisagem?

Paisagem é a visão e a identidade de um local, ou seja, a vista. Levando em conta relevo e vegetação, ou seja, é uma identidade de um certo local.

O que é natureza?

É o conjunto de tudo que existe no universo, ou no mundo como o próprio planeta, bichos e seres humanos.

Descrição aluno B (Escola Rosinha Bastos, Meruoca)

O que é paisagem?

Paisagem é tudo aquilo que a gente vê, formada de ponto a ponto.

O que é natureza?

A natureza é um conjunto de coisas animais, rios, árvores, etc.

Descrição aluno C (Guaraciaba do Norte)

O que é paisagem?

Paisagem é tudo que se pode ver, sendo natural ou modificado pelo homem.

O que é natureza?

Minha paisagem é natural e modificada pelo homem por conter sítios e casas.

Descrição aluno E (Guaraciaba do Norte)

O que é paisagem?

Tudo que nós vemos, minhas paisagens são minha vizinhança e as árvores.

O que é natureza?

É a presença de rios e árvores.

Descrição aluno D (Guaraciaba do Norte)

O que é paisagem?

Paisagem é o que todos nós observamos, como uma flor, uma cachoeira e etc. Minha paisagem é a mesma de todos os dias, pois eu mal passeio fora.

O que é natureza?

A natureza faz parte da paisagem. A natureza é o que mostra a beleza da paisagem.

Descrição aluno E (Massapê)

O que é paisagem?

Paisagem é tudo aquilo que as pessoas gostam de ver, acha bonito e até aproveita cada paisagem, tipo fazendo pinturas e obra de arte com aquilo que viu. Paisagem não é só natureza. Paisagem é aquilo que se destaca como casas em natureza. A paisagem se pode distinguir por pinturas.

O que é natureza?

A natureza é algo que também é paisagem

Descrição aluno F (Massapê)

O que é paisagem?

Paisagem pode ser um conjunto de lagoas, montanhas, rios e etc. Quando elas se juntam, formam tipo um desenho natural feito pelo próprio meio ambiente. As paisagens podem ser vistas em todos os lugares, principalmente em montanha, pois são bem altas e podem ser vistas bem lá de cima.

O que é natureza?

A natureza está dentro da paisagem

Descrição aluno G (Massapê)

O que é paisagem?

Paisagem é tudo que você vê e acha bonito. Não depende se for da natureza ou do cotidiano, um bairro, uma cidade, um jardim, um bosque, tudo que você vê é uma paisagem.

O que é natureza?

São elementos naturais, animais, rios, montanhas e etc.

A percepção da percepção

Para esta seção, a análise dos resultados dá-se de maneira qualitativa, seguindo os pressupostos da fenomenologia, para a qual a apreensão do conhecimento prévio torna-se fundamental. Diante disso, os resultados obtidos na primeira instituição pesquisada, com os alunos do 8º Ano B, na EEF Rosinha Bastos Sampaio, em Meruoca, percebemos que o livro didático segue com precisão as orientações da BNCC. Aborda temas como formas de Relevo e tipos de Vegetação no mundo, ilustrando as várias formas montanhosas, levando ao raciocínio de que, ao associar relevo a montanhas, os alunos podem vir a desconsiderar formas de relevo menos acentuadas, haja vista que, no estado do Ceará, por exemplo, as morfologias de relevo apresentam-se desta forma.

A escolha pelo 8º Ano ocorreu em razão da ideia de que, conforme a BNCC, os alunos estudam paisagem no 6º e 7º Ano. Deste modo, ponderou-se que escolhendo os anos anteriores ao 8º, haveria maior possibilidade dos alunos não conseguirem falar sobre paisagem, pois ainda estavam estudando o tema.

Através das descrições textuais, observou-se a ausência de exemplos paisagísticos locais, incompatibilizando com o que recomenda a BNCC, pois, segundo o documento, nos anos anteriores ao 8º ano, o aluno deve ter adquirido uma postura identitária quanto a paisagem. Nesta lógica, o conceito de paisagem não estaria sendo trabalhado de maneira aprofundada, sendo explicado de forma pouco contextualizada, sem enfatizar que é resultado de ações tanto físicas/naturais quanto sociais. Nota-se a delimitação do conceito de paisagem muito próxima do que se tem no dicionário: “Extensão territorial que a vista alcança; panorama²”, o que pode ser visto como a pouca influência da amplitude geográfica que o conceito pode abarcar. E que para isto, deve-se levar em consideração as individualidades de cada grupo identitário nesta construção e conexões das paisagens.

Obviamente aqui fala-se de Sauer, mas também, similarmente no trecho da BNCC se diz: “[...] na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. Explicações sobre conexões. E diferenciações com outras áreas” (BRASIL, 2017, p. 359). Tal pensamento recai principalmente na dificuldade de articulação entre o conhecimento acadêmico com a chamada Geografia Escolar, contudo, nota-se o exemplo citado anteriormente.

No entanto, na atividade de desenhos, os alunos tiveram a liberdade de responder o que é paisagem de forma gráfica. Para a maioria dos alunos paisagem está ligada à natureza. Segundo eles, não a qualquer natureza, e sim a uma natureza “bonita”, como relata o aluno C: “É uma paisagem muito elegante. Do mundo da paisagem”.

No entanto, é possível destacar, em menor número, a paisagem como sendo: “tudo aquilo que a gente vê, formada de ponto a ponto”. Assim, o aluno B associa paisagem à noção de “moldura”. E para o aluno A, a paisagem “é a visão e a identidade de um local, ou seja, a vista. Levando em conta relevo e vegetação, ou seja, é uma identidade de um certo local”, observa-se uma memorização de conceito de paisagem do livro didático.

Em Guaraciaba do Norte, na escola EIF Bananeiras, houve a predominância da opinião de que paisagem é tudo que a gente vê, levando em consideração aspectos naturais e sociais. Conforme descrevem o aluno E: “Tudo que nós vemos, minhas paisagens são minha vizinhança e as árvores”; e o aluno D: “Paisagem é tudo que se pode ver, sendo natural ou modificado pelo homem”.

Por outro lado, na terceira instituição visitada, a EEF Doutor Luís Carlos Magalhães Aguiar, em Massapê, nota-se uma maior vontade de escrever entre os alunos. O detalhamento de momentos afetivos em relação à paisagem também é superior aos dois estabelecimentos anteriores, exemplo disto é:

Um dia que eu fui pra Serra da Meruoca, quando a gente estava em cima dava pra ver as casas, dava pra ver muitos prédios com desenhos tão bonitos, muitas árvores tão bonitas, as casas com cores também bonitas. Sempre a gente ver uma imagem quando a gente sai. Sempre tem uma imagem tão importante nas nossas casas e é importante (Aluno T, Massapê).

Deve ser considerada a associação que eles fazem da paisagem e a sua representação artística, enfatizando a paisagem como sendo não apenas natural. E até mesmo a mínima noção de paisagem integrada no trecho descrito pelo aluno H: “Paisagem pode ser um conjunto de lagoas, montanhas, rios e etc. Quando elas se juntam, formam tipo um desenho natural feito pelo próprio meio ambiente”.

Na segunda etapa da oficina, os desenhos, percebeu-se que os alunos puderam associar a forma artística à liberdade. Observa-se que, na descrição textual, os alunos relacionam o ato de escrever com o “certo”, há, deste modo, um cuidado por parte deles em conceber um conceito sobre os fenômenos que seja, por assim dizer, aceitável, para quem for analisar. Além disso, nos desenhos, inferiu-se a existência de uma carga maior de sentimentos conectados à paisagem vivida.

Assim, a partir da análise dos desenhos, de maneira geral, a paisagem é desenhada com aspectos naturais e o mínimo possível de residências, fato que pode ser justificado pela pouca população dos municípios. Identificou-se a idealização de uma paisagem bonita. Em se tratando dos desenhos dos alunos de Meruoca e Massapê, refletem o tipo de vegetação e relevo em que residem.

No entanto, chamou atenção que os alunos de Massapê também desenharam o relevo característico de Meruoca (Figura 3, aluno H) talvez por “achar mais bonito” do que o seu próprio tipo de vegetação, recursos hídricos escassos e altitude mais baixa. Com relação a este fato, Pimenta (2016) indica que estes alunos, por meio de seus desenhos, estão demonstrando uma diversidade afetiva dos sentidos, veem na atividade lúdica uma maneira de exibí-los. “A paisagem provoca sensações. São elas que devem ser transmitidas pela arte e pela pintura” (PIMENTA, 2016, p. 870).

Figura 3: Desenho de aluno H, residente em Massapê-CE.



Fonte: Autores do trabalho

Há também de se considerar, nos desenhos de Meruoca, a tendência em mostrar os contornos arredondados, mesmo a realidade sendo em forma de crista, mas, como eles têm apenas a dimensão de cima da serra, optam por desenhar uma forma mais “agradável” ao olhos. Consegue-se perceber, por meio de Pereira (2006), que este direcionamento dos alunos em desenhar uma paisagem idealizada constitui como o desejo pelo utópico, que mesmo vivenciando o sofrido, há uma cobiça de se extrapolar os limites do real e se transportar para o lugar dos sonhos. Porém, em outra perspectiva, o aluno I, através de seu desenho (Figura 4), apresentou uma percepção diferente de seus colegas, pois expôs a perspectiva de quem vai para a Meruoca, o que se justifica pelo fato deste aluno estar constantemente, junto com sua mãe, em deslocamento entre a Meruoca e Sobral.

Figura 4: Desenho de aluno I, residente em Meruoca-CE.



Fonte: Autores do trabalho.

Sobre isso, Machado (1996, citado por GALLO JÚNIOR, 2000) assinala, nestes casos, uma determinada concepção de mundo de modo pessoal, lembranças afetivas. Percebe-se também a serra em forma de “crista”, mais próxima do real, bem como a perspectiva de profundidade na estrada que liga Sobral a Meruoca. Soma-se a isto, sob a perspectiva do aluno J, onde mediante o desenho de sua casa, mostra garrafas jogadas no rio (Figura 5). É evidente que estas visões refletem um mundo vivido (NOGUEIRA, 2005).

Figura 5: Desenho de aluno J, residente em Meruoca-CE



Fonte: Autores do trabalho

Já em Guaraciaba do Norte, os desenhos retratam a paisagem apenas sob a influência da natureza, sem a presença de casas. Sobre isto, destaca-se a noção fenomenológica de intencionalidade, logo, de acordo com Buttimer (1985, citado por Nogueira, p. 10245), “cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo, ainda que possa esquecer de si próprio como centro criativo daquele mundo”.

Diante da interpretação das descrições e desenhos, é possível entender que, mesmo tendo estudado o conceito de paisagem, sendo ensinado no 6º e 7º ano, observa-se uma forte tendência em assimilar paisagem ao natural e ao estético. Em Meruoca, alguns alunos

desenharam paisagem com babaçu, cactos e pés de maçã. Isto reflete um nível de degradação moderado na Serra da Meruoca, indicando uma indiferença quanto a vegetação nativa, causada por sua diminuição, ainda que eles tenham desenhado de maneira involuntária.

A situação de desenhos apresentando vegetação nativa de outras paisagens também ocorreu em Guaraciaba do Norte. Porém, há de se destacar a presença de cachoeiras, nos desenhos, visto que o município em questão apresenta potencial turístico, ocasionado pela altitude elevada, conforme nos indica a figura 6, aluno K.

Figura 6: Desenho de aluno K, residente em Guaraciaba do Norte-CE



Fonte: Autores do trabalho

E em Massapê, os desenhos refletem a paisagem que, para eles, fica “mais bonita” se tiver como plano de fundo a Serra da Meruoca. Simplesmente o relevo com solos pedregosos e vegetação rasteira não interessa em ser retratado em desenho, pois ficaria “feio”.

De acordo com Oliveira (2011), nota-se a dimensão positiva que são os estudos envolvendo algum elemento artístico dentro do ambiente escolar, pois podem oferecer auxílio para que os alunos entendam as diferenças entre as paisagens, assim como incentivar nos educandos a capacidade auto afirmativa enquanto possuidores de uma identidade única e, mediante o diálogo com os outros, produzir reflexões mais amplas.

Muitos alunos optaram por desenhar árvores semelhantes ao que se observa como padrão europeu (figura 7), apresentando copa arredondada e com maçãs vermelhas. Porém, sabe-se que tal fruto ainda não é bem propagado em nosso ambiente. Assim, analisamos que este fato esteja ligado ao desejo do aluno de desenhar algo mais “bonito”. Verificamos esta preferência em Guaraciaba do Norte e em Meruoca.

Figura 7: Desenho de aluno residente em Guaraciaba do Norte-CE.



Fonte: Autores do trabalho

Durante a apresentação da oficina “paisagem nossa de cada dia” e diante da necessidade de explicação mais didática possível sobre a integração das paisagens, abordou-se como exemplo, a bacia hidrográfica do Acaraú. Não foi priorizada a explicação dos elementos naturais mais perceptíveis, como vegetação e formas de relevo. E para não privilegiar apenas a explicação sobre a interação dos elementos naturais, falou-se sobre a presença de objetos “artificiais” presentes no percurso do rio, dentre eles os açudes, que mesmo sendo obras dos seres humanos, são constituídos por um elemento natural, além disso, são relevantes para os processos industriais e também servem de modelo para reflexão sobre o que é natural e artificial. Desta forma, falou-se sobre paisagem e natureza. De fato, a geografia produzida na academia está dialogando pouco com a escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Continuamos acreditando na validade dos processos que os inúmeros professores de geografia desenvolvem no dia a dia nas suas salas de aula, levando em consideração os documentos oficiais. Entretanto, a estratégia geoartística buscou, por meio da análise perceptiva, considerar o conhecimento prévio dos alunos no intuito de observar o nível de aprendizado sobre a temática em evidência e conseqüentemente, a comprovação de que no 8º ano, apresenta-se, para eles, estreita relação entre paisagem e natureza, sendo estas associadas à beleza, tornando, assim, a demonstração dos conceitos em sentidos superficiais. Não considerando também o homem como parte da natureza, pois, para eles, se paisagem é similar a natureza, esta, para ser considerada uma paisagem, não pode conter seres humanos dentro dela.

No entanto, nos cursos de Geografia, sejam de nível de graduação ou pós-graduação, o conceito de paisagem é discutido de modo intenso e aprofundado, envolvendo Sauer, Bertrand, Humboldt e Goethe, além de paisagem integrada, paisagem cultural, paisagem natural, para posteriormente, os alunos que ensinarão a Geografia Escolar, reproduzirem os conteúdos reducionistas de paisagem (inclui-se também nesta crítica o autor do trabalho).

Para investigações mais aprofundadas, seria necessário mais tempo de oficina, bem como o acompanhamento da turma durante um período maior, para elaboração, por exemplo, de leituras sistêmicas da paisagem, o que pode vir a partir dos trabalhos desenvolvidos em outros municípios.

Entendemos que não há como indicarmos uma melhor forma de se ensinar sobre paisagem, logo, estamos tratando somente da percepção de três escolas em ambientes diferentes. Além disso, não consta em nossos objetivos a geração de “produtos” e sim proposições metodológicas. Ressaltamos como importante, este primeiro momento, face o estabelecimento de indicadores que servirão de base para o aprimoramento das atividades em outras escolas. Pois não se trata de análise técnicas, no qual poderíamos simplesmente adquirir dados e sugerir soluções imediatistas.

Podemos também constatar, por meio das atividades de desenhos, que os alunos acolheram de maneira agradável, a atividade, destacando a unanimidade em querer desenhar as suas paisagens. Além disso, o apreço pelo viés artístico ocorreu em função de indicar como importante o retorno das ideias de Goethe e Humboldt, a partir da compreensão de que para a representação da paisagem se faz necessário o máximo de observação. Para isso, pontua-se

como primordial a inserção de aulas de campo, mas o que se interpreta no ensino básico é que tal atividade seria vista apenas como passeio e os pais dos alunos não estão interessados em deixar seus filhos “ser besta no meio dos matos”. Em consequência disso, percebe-se nos desenhos a falta de elementos naturais aproximados aos reais. Como já citamos anteriormente, os desenhos, muitas vezes, incorporam elementos naturais idealizados, para aparentar uma fisionomia mais “bonita”.

Salientamos ainda que, na maioria das vezes, o aluno retratará a paisagem em “recorte”, pois se torna improvável que apenas em um desenho se possa representar toda a dinâmica da paisagem. Daí ressalta-se, mais uma vez, a relevância de propor exercícios de interações do relato de cada aluno com seus colegas, bem como mais constância em atividades de campo. Praticando o olhar mais apurado sobre as suas paisagens, visando a compreensão do local para o geral.

Foi significativo perceber a alta adesão ao ato de desenhar a paisagem. Com a arte, buscamos ampliar a forma de linguagem para reconhecimento de sentimentos relacionados à paisagem, recorrendo à sensibilidade dos alunos. Demonstrando como válida qualquer alternativa mais lúdica no ensino não apenas de paisagem, como também dos outros conceitos geográficos. Durante o Ensino Básico, se consegue trabalhar a Matemática através de jogos de tabuleiro e teatro, música e revistas para o estudo da língua portuguesa. A partir de inúmeros exemplos, justifica-se a contribuição de atividades mais leves igualmente para a disciplina geográfica.

Para aquisição de mais resultados precisaríamos de um acompanhamento escolar mais longo, assim como ampliar o número de instituições e diversificação de ambientes geomorfológicos, pretendendo esclarecer questionamentos que podem ter ocorrido em se tratando de uma pesquisa a nível de dissertação. Mas, reconhecemos como avanço o despertar dos alunos em falar do seu cotidiano, na medida em que por meio de suas descrições e desenhos, detalharam muito mais do que apenas o que é paisagem e natureza, adentrando aos aspectos afetivos. Outros anseios ficarão como aspirações para trabalhos futuros.

Notas

¹ Esta segunda pergunta é necessária, pois, através de atividades anteriores, percebeu-se a estreita correlação entre paisagem e natureza.

² Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1999.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. M. S. **Arte e Geografia: A análise da paisagem litorânea em Raimundo Cela**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2016.
- BEHR, S. **Expressionismo**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- BESSE, J. **O gosto do mundo exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 224p.
- BESSE, J. **Ver a terra, seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- COSTA FALCÃO, C. L. Programa Educação em Solos: conhecer, instrumentalizar e propagar. In: **Extensionando: cultivando saber na escola e nas comunidades**. FALCÃO SOBRINHO, J. e LINS JR. J. R. F. Sobral: Edições Universitárias, 2014.
- FERRAZ, C. B. O. Tensionando as Intenções: Para algo além do exposto. In: SUZUKI, J. C.; SILVA, P. C. P.; FERRAZ, C. B. O. (org). **Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões** [livro eletrônico]. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2016. 184p.
- GALLO JÚNIOR, H. **Análise da Percepção Ambiental de Turistas e Residentes, como Subsídio ao Planejamento e Manejo do Parque Estadual de Campos do Jordão (SP)**. Dissertação, Universidade de São Paulo. Brasil, 2000.
- MALVEZZI, R. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: CONFEA. 140 p. 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica na geografia. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, F. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: 1987.
- PEREIRA, V. A. O lugar da arte no espaço cotidiano da convivência com o Semi-Árido. In: **Educação para a Convivência com o Semi-Árido: Reflexões teórico-práticas**. 2ª Edição Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro, Selo Editorial-RESAB, 2006.
- PIMENTA, M. A. **Em busca do sentimento da paisagem**. Cad. Metrop: São Paulo, v. 18, n. 37, pp. 863-877, set/dez 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3712>.
- SILVEIRA, R. W. D.; VITTE, A. C. A paisagem em Humboldt: da instrumentalização do olhar à percepção do cosmos. In: **EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009, Montevideu - Uruguai. 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009. v. 2.

SOARES, A. R.; CARDOSO, M. A.; RIBEIRO, E. A Geografia da criatividade faz da universidade um espaço de resistência. In: SOARES, A. R.; CARDOSO, M. A.; RIBEIRO, E. **Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões** [livro eletrônico]. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2013. 184p.

STEINER, R. **O Método Cognitivo de Goethe**: Linhas Básicas para uma Gnossologia da Cosmovisão Goethiana. Trad. Bruno Callegaro e Jacira Cardoso. 2º ed. Atual. São Paulo: Antroposófica, 2004.

Trabalho enviado em abril de 2020

Trabalho aceito em maio de 2020